

**DA PUBLICAÇÃO À CONVERSAÇÃO:
LEITURA E ESCRITA DIGITAIS¹****FROM PUBLICATION TO CONVERSATION:
DIGITAL READING AND WRITING****DOI 10.20873/uff2179-3948.2023v14n3p214-235****Valérie Beaudouin²**

Resumo: Este trabalho é uma tradução de uma pesquisa publicada em 2002, cuja investigação foi desenvolvida pela socióloga Valérie Beaudouin, da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). O artigo apresenta, a partir de dados estatísticos, algumas reflexões sobre usuários e mundo digital, no campo da leitura e da escrita, que, apesar de passadas mais de duas décadas, contêm relevância e atualidade para as pesquisas nessa área. Nesse sentido, considerou-se o funcionamento da escrita e da leitura a partir do perfil social, etário e de gênero dos usuários, bem como as dinâmicas engajadas nos ambientes digitais.

Palavras-chave: mundo digital; interação; navegação; autoria digital; leitura.

Abstract: This work is a translation of a research published in 2002, which the investigation was developed by sociologist Valérie Beaudouin, from École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). The paper shows, from statistics data, some reflections about the users and the digital world, at the reading and writing scope, that, despite of being from two decades ago, have relevance and actuality to the researches in this area. Thereby, it was considered the writing' and reading's operation from social, age and genre of the users' profile, and the engaged dynamics at the digital environment.

Keywords: digital world; interaction; navigation; digital authorship; reading.

Desde suas origens e ainda hoje, a Internet é essencialmente uma mídia de escrita e de leitura tal como o Télétel³ o foi em sua época. Se a circulação de músicas e filmes cresceu fortemente nesses últimos anos na rede, a fala continua a circular ali ainda relativamente pouco. São, portanto, escritas que circulam na internet, escritas certamente multimídia em parte, mas mais frequentemente elaboradas a partir do texto. O olho e a mão são, desse modo, como todas

¹ BEAUDOIN, Valérie. De la publication a la conversation : lecture et écriture électroniques. *Reseaux*, n. 116, p. 199 – 225, 2002 (6). Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT), ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>; Naiane Vieira dos Reis Silva (IFCE), ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1117-3655>; Carolina Alves Rodrigues (Grupo de Estudos do Sentido – GESTO).

² Socióloga e diretora de estudos no EHESS. E-mail: valerie.beaudouin@ehess.fr

³ Rede digital francesa. NDT.

as formas de escrita, os dois órgãos essencialmente mobilizados nas práticas, e isso para se engajar nas atividades tão diversas quanto a leitura de documentos na tela, a consulta a informações, a leitura ou a escrita de mensagens eletrônicas, a participação em discussões por escrito nos espaços públicos... Na verdade, foi necessária a introdução de suportes eletrônicos para que, pela primeira vez, a conversação – até então sempre associada à oralidade – pudesse se realizar sob uma forma escrita: na Internet até o momento, como na Minitel, fala-se com as mãos e se escuta com os olhos⁴.

Além de sua extrema diversidade, as atividades que se desenvolvem na rede partilham um certo número de características. Inicialmente, a leitura, e frequentemente o par leitura/escrita, é mobilizada em cada atividade. Em seguida, essas atividades se realizam na mesma situação: face a uma tela, com um teclado e um mouse. Enfim, o último ponto comum a essas atividades é que se fazem todas a distância do outro, na ausência dos corpos.

As potencialidades em termos de usos oferecidas pelo dispositivo técnico são, portanto, muito grandes: todas as formas de escrita e de relação com a leitura se unem ali. No entanto, a análise detalhada das práticas mostra que essas potencialidades dificilmente são exploradas, ou que são ao menos exploradas e combinadas de maneira bem diferenciada segundo os internautas. É o que mostraremos na primeira parte.

Essa constatação nos leva a nos interrogarmos sobre as condições objetivas da atividade na internet. Parece então que a diversidade dos conteúdos se associa a uma relativa homogeneidade dos formatos: quase tudo acontece pelo texto, unicamente com a utilização do olho e da mão. Isso tem consequências importantes e em particular embaralha várias fronteiras clássicas que tinham até aqui estruturado a relação com os outros e com o conhecimento. Publicação, leitura e crítica tendem a se fundir, criando novas formas de relação entre criadores e públicos. Aliás, a diferença de estatuto entre o escrito e o oral, o formal e o informal, se vê questionada pela aparição de formas escritas transitórias; as falas voam, mas os escritos permanecem, como se diz. Doravante, existem também formas de expressão intermediárias, cujo estatuto social, jurídico, não está claro. Essas questões serão objeto da segunda parte.

Enfim, a última seção examina por que e como os autores mobilizam essas novas potencialidades oferecidas pela Internet para organizar seus “mundos”. Os recursos textuais são principalmente colocados a serviço da participação dos indivíduos em grupos nos quais buscam construir estatutos e assumir papéis. Encontram-se efetivamente esquemas clássicos. Contudo,

⁴ Agradeço a riqueza das discussões que tivemos, pelos comentários e suas críticas a: Saadi Lahlou, Christian Licoppe, Emmanuël Souchier, Claire Vassé, Julia Velkoska.

os modos de elaboração dos textos, vistos como culminância de um processo de escrita e ponto de partida de uma dinâmica de leitura, estruturam a maneira pela qual se organizam essas redes de documentos e de indivíduos.

PERFIS DE USO DA INTERNET

Se inúmeros trabalhos ressaltaram as desigualdades de acesso à Internet⁵, menos numerosos são os que destacam diferenças no interior das práticas. Estamos frente a uma mídia única que permite uma grande diversidade de atividades e hibridizações originais, em particular entre informação e comunicação, uma vez que a mídia apresenta ao mesmo tempo as propriedades das mídias de massa e a dos meios de comunicação interpessoal. Como os usuários organizam essa diversidade em suas práticas? Há diferenciações importantes em termos de tipos de “serviços” utilizados e combinados? Estas remetem a diferenças de gênero, idade, meio social?

Partindo dos dados do tráfego dos internautas em residência do painel NetValu (seguindo mil internautas ao longo do ano 2000), temos, por um lado, buscado caracterizar o perfil dos usuários dos grandes tipos de aparelhos de comunicação (correio eletrônico, chat, mensagem instantânea, fóruns...) e, por outro, construímos uma tipologia de internautas baseada em suas efetivas práticas na Internet⁶.

Se todos os internautas navegam na tela e quase todos utilizam seu respectivo correio eletrônico, apenas um quarto deles se conectou a um chat, utilizou uma mensagem instantânea ou frequentou um fórum no ano 2000. Não se trata evidentemente sempre da mesma parcela.

Quais são os fatores que descrevem melhor os usuários das mensagens instantâneas e do chat e que o utilizam mais intensamente? Os sistemas de conversação em tempo real são essencialmente utilizados por jovens de 15 a 24 anos e seu uso diminui com a idade. A intensidade da utilização é mais importante quando a pessoa está sozinha em casa. A ampliação do círculo de relações de amizade e as possibilidades de encontros estão no centro da utilização desses dispositivos. Essas ferramentas parecem ser privilegiadas pelos adolescentes e jovens

⁵ Ver DIMAGGIO et al, 2001, para uma revisão dos trabalhos sobre essa questão.

⁶ Cada internauta é descrito por um certo número de variáveis: um fator de intensidade de uso e a parte das sessões de um dado “emprego”. Os serviços selecionados são: a Web, os canais de busca, o chat, a mensagem instantânea. Definimos a sessão como uma sequência de atividades ininterruptas na Internet por mais de 30 minutos. Após meia hora de inatividade, considera-se que a sessão está fechada. Um método de classificação hierárquica ascendente permite agrupar os internautas que apresentam um perfil de utilização similar. Notar-se-á que, pelo modo de descrever os internautas, retemos grandes categorias de ferramentas, mas não entramos na descrição dos sites visitados, das solicitações feitas pelos buscadores nem no conteúdo das interações. Os conhecimentos que temos, aliás, sobre a natureza das interações conforme o suporte e sobre o conteúdo dos sites nos permitem interpretar o perfil do usuário.

adultos de meios modestos (residências de funcionários e operários estão super representadas entre usuários). Essas ferramentas de conversação e copresença temporal, sem memória, com um ritmo de conversação sustentado constituem uma alternativa à cultura legítima, na medida em que são acompanhadas do desenvolvimento de competências interacionais próprias: escrita que se constitui com suas próprias normas (escrita fonética, abreviações codificadas), códigos de interação específicos... Isso explicaria que sejam socialmente marcados⁷.

Ainda que a frequência da web continue a ser uma prática fortemente masculina, a proporção de usuários e a intensidade do uso dessas ferramentas de conversação em tempo real são similares para homens e mulheres.

Inversamente, os fóruns de discussão, espaços de discussão públicos sem copresença temporal, não são ferramentas tipificadas em termos de idade: esses sistemas de trocas públicas favorecem o encontro de gerações (mesmo os aposentados estão ali presentes). Em contrapartida, as diferenças entre os sexos lá são bem marcadas. Apenas 15% das mulheres frequentaram fóruns em 2000 contra 28% dos homens.

Cada dispositivo técnico acolhe tipos de público específicos. Criam-se, portanto, ajustamentos recíprocos entre as características dos dispositivos e o perfil de seus usuários.

A respeito dos mil internautas, construímos perfis de utilização da Internet em função dos serviços utilizados (web, correio eletrônico, mensagens instantâneas, chats...). Metade do corpus (47%) é constituída por internautas fracos, realmente fracos, como usuários da Internet, uma vez que participaram apenas de 15% das sessões no ano. Sua utilização da Internet decresce de mês a mês, e deixa mesmo prever um abandono por parte de alguns. A outra metade dos internautas (53%) participou de 85% das sessões e seus usos tendem a crescer. Assim, ao longo dos meses, as distâncias entre os usuários fracos e fortes aumentam.

Interessamo-nos aqui pelos usuários fortes, porque, contrariamente aos outros, suas práticas alcançaram uma certa forma de estabilização. Distinguem-se aí três grupos. O primeiro, que representa 22% do corpus, é constituído por usuários intensos da web para os quais a prática da comunicação interpessoal, e, portanto, da escrita, é secundária⁸. Para os dois outros grupos de internautas, as trocas interpessoais privilegiam a consulta na tela. O segundo, que representa 20% dos internautas, é constituído de usuários do correio eletrônico⁹: se o e-mail tem um lugar

⁷ Ver também os resultados da enquete de Dominique Pasquier sobre as práticas de comunicação de jovens de 15 a 20 anos (PASQUIER, 2002).

⁸ Visitam a web em quase todas as sessões (85%), acessando o correio eletrônico apenas em 30% de suas sessões e não usam mensagem instantânea nem chat.

⁹ Consultam sua caixa de mensagens em algo perto de dois terços de suas sessões e a navegação em tela não corresponde senão à metade de suas sessões. A conversação direta está ausente de suas práticas.

central em suas práticas, o fato é que frequentem também a web, notadamente menos intensamente que o primeiro grupo. O terceiro e último grupo (11% dos internautas) reúne indivíduos que praticam a conversação na rede e utilizam, portanto, ferramentas de comunicação em copresença temporal.

Estamos diante de um modelo escalonado, no qual a utilização de um dispositivo suplementar não é acompanhada do abandono dos outros. O primeiro grupo usa principalmente a web, dando pouco lugar às interações¹⁰, o segundo, sem negligenciar a tela, concede um lugar mais importante ao correio eletrônico combinando navegação e trocas “epistolares”, o terceiro, enfim, combina navegação e correio como o precedente, adicionando a isso a conversação ao vivo. A maneira de investir as potencialidades da rede varia consideravelmente de um grupo a outro.

Os usuários do segundo grupo marcado por uma forte presença do correio eletrônico são de uma classe social mais elevada e os usuários de conversação eletrônica (chat e mensagens instantâneas), de meios mais modestos. Os lares dos quadros superiores se caracterizam por um forte desprezo pelos chats e mensagens instantâneas. Pode-se adiantar um certo número de hipóteses¹¹: a valorização da escrita e do livro nos círculos privilegiados levaria a uma desvalorização dessas formas de troca sem memória que mobilizam um tipo de escrita muito distante dos cânones legítimos; a pobreza dos conteúdos trocados e a ausência de finalidade “informativa” tornariam igualmente essas trocas suspeitas. Inversamente, essa escrita sem memória, regulada por normas locais, distintas das normas habituais, permitiria nos círculos mais modestos ultrapassar a barreira da escrita.

Uma outra oposição notável se situa entre os jovens e os mais velhos. Nas práticas de Internet dos jovens, o lugar das ferramentas de comunicação é central, mas sua especificidade reside na sua capacidade de articular e combinar práticas bem diversas: essa destreza frente a uma tela no encadeamento de tarefas diversas parece ser o que os distingue dos usuários mais velhos.

Enfim, no que diz respeito ao gênero, as mulheres são quase ausentes nos grupos de usuários intensivos da web, elas “se defendem bem” nos dois outros grupos, nos quais a parte das trocas interpessoais é grande. Na Internet, como em qualquer lugar, observa-se esse engajamento das mulheres na manutenção da rede de relacionamentos.

¹⁰ Encontramos esse tipo de perfil entre os entrevistados: alguns usuários dizem explorar intensamente a web, mas não procuram saber quem está por trás de um site e menos ainda entrar em contato.

¹¹ A pesquisa qualitativa sobre os usos da Internet pelos adolescentes de Dominique Pasquier e a de Serge Proulx e Guillaume Latzki-Toth sobre os jovens quebequenses apoiam essas hipóteses.

Retornemos ao terceiro grupo. Para esses usuários, navegar na web, usar o correio eletrônico e conversar no modo conectado na rede são modalidades de interação frequentemente combinadas numa mesma sessão ou em períodos mais longos. Analisando as trocas interpessoais, Licoppe¹² opõe, de um lado, um modo de engajamento no qual a troca de conteúdos prima pela validação da ligação, o modo “conversacional” e, de outro, um modo de gestão das relações no qual o conteúdo tem menos importância que o fato de permanecer em contato, dar e receber provas de ratificação da ligação, o modo “conectado”. O correio eletrônico é majoritariamente mais utilizado pelo primeiro polo (tempo de conexões curtas, não síncronas, mensagens para conteúdo...), enquanto as ferramentas de chat e de mensagem instantânea correspondem mais ao segundo polo (tempo de conexões longas, com envio e recepção regular de mensagens curtas). Para esse grupo de usuários, veem-se articulados esses dois modos de gestão da relação: manutenção de uma presença para o outro por sistemas como os chats ou pela mensagem instantânea que implicam uma conexão simultânea e trocas longas com um ritmo menos restrito pelo e-mail, que se assemelha às trocas epistolares.

Mostramos e explicamos, para um grupo de participantes de um fórum eletrônico, como se organizava a circulação entre os diferentes modos de interação e como as relações interpessoais evoluíam de um suporte a outro, a mudança na conversão ao vivo caracterizando uma etapa em direção à intimidade da relação¹³. Vemos finalmente que essas práticas de circulação entre os diferentes modos da comunicação interpessoal constituem uma prática ainda minoritária (11% dos internautas), mas esta nos parece ser bem coerente com a especificidade da média. É o que tentaremos mostrar.

Através de um mesmo dispositivo técnico se desenvolvem práticas extremamente diversificadas, socialmente determinadas e articuladas segundo modalidades bem distintas, que mostram ainda a ausência de determinismo técnico. Parece-nos útil agora rever as características sociotécnicas do dispositivo para melhor compreender a distribuição das práticas.

TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E LEITURA

Quando a leitura se torna escrita

O texto eletrônico introduz transformações na maneira com que se constituem os atos de leitura e de escrita. Uma das particularidades do texto eletrônico, ou da “escrita em tela”

¹² LICOPPE, 2002.

¹³ Ver BEAUDOUIN, VELKOVSKA, 1999.

para retomar a expressão proposta por E. Souchier¹⁴, é que a leitura e a escrita se elaboram no mesmo suporte e na mesma situação. Esse parentesco das situações distingue claramente a escrita digital do livro, ou códice, para o qual a escrita e a leitura são claramente diferenciadas:

A distinção fortemente visível no livro impresso entre o autor do texto e o leitor do livro desfaz-se em proveito de uma outra realidade: aquela em que o leitor se transforma em um dos autores de uma escrita a muitas vozes ou, ao menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e colados¹⁵.

O que facilita grandemente essa “escrita a muitas vozes” tem a ver com o caráter híbrido da mídia. A Internet articula espaços ditos “de informação” a ferramentas de “comunicação” graças à estrutura hipertextual. Assim, todo site propõe um conjunto de dispositivos de conexão e abre possibilidades para novas escritas: um link para uma caixa de correio, uma assinatura em uma mensagem eletrônica aponta para o site do autor... A mudança de uma atividade a outra é feita imediatamente pelo entrelaçamento entre conteúdos e interações¹⁶: os artefatos permitem facilmente escrever ao autor de um site, responder a uma mensagem, publicar um texto em um fórum ou um site...

Os comentários dos leitores, suas apreciações críticas, sugestões, encontram na Internet um lugar de visibilidade inédito. O comentário “ordinário”, o que permanecia no espaço privado e mais frequentemente no domínio da oralidade, sem memória, encontra novos espaços onde se inscrever (livros de visitas dos sites, mensagens nos fóruns, WebLogs...). Assim, todo leitor pode tornar-se autor, ou pelo menos comentador: escreve no texto de um outro. A prática do comentário no texto não é peculiar à Internet, uma vez que exemplares de livros são anotados por seus leitores. É a possibilidade de tornar públicos esses comentários e o fato de que sejam acessíveis fora da esfera privada o que constitui a novidade da mídia. A leitura produz a escrita que por sua vez se oferece a outras leituras: produção e recepção se acham estreitamente articuladas.

Escrita e leitura se fazem sobre o mesmo suporte e se inscrevem nas molduras delimitadas pela tela, pelo sistema e pelo software utilizado¹⁷. Os mesmos suportes, por exemplo o navegador, permitem ver textos e comentários. Isso não é tão original: E. Souchier

¹⁴ SOUCHIER, 1996.

¹⁵ CHARTIER, 2000, p. 46.

¹⁶ Ver BEAUDOUIN, VELKOVSKA, 1999; LICOPPE, BEAUDOUIN neste número.

¹⁷ SOUCHIER, 1998, partindo da constatação de que o sentido de um texto está intimamente ligado a seu suporte, mostra como a escrita no computador se inscreve em três tipos de molduras: a moldura do objeto (moldura do material ligado à tela de vidro), a moldura do sistema (moldura ativada na ativação) e a moldura do software (moldura claramente delimitada pelo software). A escrita na tela não tem sentido senão mediante seu suporte e aquelas molduras que isso gera.

mostra como a configuração dos manuscritos antigos permitia ao mesmo tempo ler o texto e seu comentário, como o da Divina Comédia, de Dante, acompanhada da tradução em italiano do comentário latino de Benvenuto de Imolla (segundo quarto do século XV). Os modos de ler e de escrever na Internet favorecem essa copresença do texto e de seus comentários, atenuando a distância entre a produção e a recepção das obras, entre autor e seus leitores.

O texto na Internet entra, portanto, numa cadeia de comentários, mas, contrariamente aos das páginas dos manuscritos, as molduras não permitem facilmente diferenciar o status entre autores, nem mesmo atribuir os textos a seus autores. E é bem isso o que os distingue das páginas dos manuscritos antigos. No manuscrito de Dante, comentado por E. Souchier, o comentário está a serviço do texto, e toda configuração da página visa a apresentar o texto de Dante, os comentários sendo apenas de humildes servos. Quando o leitor procura na Internet documentos sobre um tema dado, mediante um mecanismo de busca, ele se confronta com uma avalanche de links dos sites, sem saber como escolher, avaliar. Qual via/voz escolher entre todas as que são ofertadas? Identificar o autor, a entidade que toma a palavra, nem sempre é evidente, contrariamente ao livro no qual a designação do autor está sempre em destaque, lá inclusive o autor está ausente. A utilização de pseudônimos, de endereços anônimos, o desenvolvimento de sites animados por grupos... tornam difícil essa identificação do autor como indivíduo. Isso é particularmente verdade nos fóruns ou nas listas de discussão. O leitor, face a uma mensagem tirada de um debate num fórum, é confrontado com um texto de uma natureza particular constituído de citações de mensagens precedentes, que podem citar outras também¹⁸. Os comentários do autor da mensagem podem ser inseridos em diversos lugares em meio a citações. Atribuir os discursos a seus autores, identificar os produtores do discurso não é óbvio. A mídia põe a questão da qualificação dos textos e sua hierarquização, pois os suportes da escrita e da leitura não oferecem imediatamente sinais de posicionamento dos textos nos espaços específicos, como podem ser o nome do editor, o autor do prefácio... Como se ordena esse espaço?

Publicação e conversação

Como vimos antes, nos meios digitais, desenha-se uma confusão crescente entre leitura e escrita, em razão da identidade do suporte no qual as atividades se desenvolvem, da facilidade com a qual cada um passa de um ato de leitura a um ato de escrita e da dificuldade para diferenciar textos dos seus comentários.

¹⁸ . Ver MONDADA, 1999; VIE, 2000; VELKOVSKA, no prelo.

Paralelamente, um segundo movimento, do Minitel, leva à utilização da escrita para uma prática que antes era reservada ao oral: a conversação ordinária. Esse duplo movimento conduz a uma aproximação inédita entre atividades antes distintas: a publicação e a conversação. Ainda que tradicionalmente a cadeia de elaboração do livro, da produção à recepção, não tivesse nada a ver com a conversação oral, nos espaços digitais coexistem e se entrelaçam práticas de escrita e de leitura de documentos com práticas de conversação pela escrita que são uma forma de transposição da conversação face a face. Acentuamos deliberadamente o contraste eliminando entre ambos o que pode representar a correspondência epistolar, que, embora utilizando a forma escrita, mantém-se ao lado da intimidade e que, por alguns aspectos, mimetiza a intimidade da conversação. Retornamos à publicação, as duas formas de escrita as mais extremas que se possa encontrar na rede. Veem-se projetados num mesmo suporte, de lado, textos que por seu conteúdo poderiam se aparentar ao livro e, de outro, textos de conversação que tradicionalmente não existiam sob forma escrita. Num site pessoal, o “visitante” transita facilmente de documentos de conteúdo a páginas que trazem as discussões coletivas (fóruns) ou que tornam visíveis as mensagens deixadas pelos visitantes (livro de visitas). Nos principais portais há seções de informação com link de ferramentas de comunicação. Essa proximidade produz inevitavelmente efeitos de contaminação da conversação na publicação, e inversamente. Daremos dois exemplos: acontece, mais frequentemente que em situações ordinárias (da leitura de um livro ou de um artigo), que a leitura de um documento na rede seja seguida por trocas interpessoais: a leitura solitária se transforma, então, em diálogo. Inversamente, trocas interpessoais podem se limitar à indicação ou transferência de documentos para ler.

A escrita era tradicionalmente associada à difusão e à transmissão, uma vez que estava livre com relação à oralidade das coerções ligadas à dinâmica da enunciação. Assim, como sublinha Goody¹⁹, a escrita pôde favorecer o desenvolvimento do espírito crítico implantando sob os olhos uma sucessão de mensagens e textos. Comparar, comentar, interpretar, criticar são atividades tornadas possíveis pela escrita. Esta abre assim um horizonte temporal que o oral não oferece. A leitura digital reconfigura essa oposição entre a escrita e o oral, uma vez que as práticas que tradicionalmente se distribuíam, seja no canal escrito (os textos que têm vocação para durar), seja no canal oral (a conversação), se encontram ali projetadas sobre um mesmo suporte escrito: a escrita se transforma e se desenvolve sob diferentes modalidades, segundo sua forma, sua conversação, sua transformação, a maneira com que os atores se apreendem...

¹⁹ GOODY, 1979.

Dáí emerge esta questão: como se reconstituem novas hierarquias entre essas diferentes formas de escrita, menos duráveis que a escrita tradicional, mas menos voláteis que o oral?

ORGANIZAÇÃO DAS FORMAS DE RELAÇÃO INTERPESSOAL

Da publicação à conversação ordinária, a rede inscreve e dá a ler textos que correspondem a gêneros bem distintos. Pode-se perguntar como se organiza essa diversidade de formas e discursos, quais são os traços pertinentes mobilizados pelos atores em suas práticas e como a escrita se transforma situando-se nesse entrelugar, entre escrita efêmera e durável.

Cristalização das trocas interpessoais

A tela dá acesso a espaços polifônicos nos quais a “tomada da escrita” é facilitada e onde os textos são escritos em molduras que permitem apenas uma diferenciação simples de seu estatuto. A orientação nesses espaços é, portanto, mais complexa e exige competências de uma outra natureza, pois os documentos já não são sabidamente selecionados pelo trabalho de edição e de publicação. Cabe, portanto, ao leitor conduzir a pesquisa, fazer o trabalho de avaliação. São recursos externos (conhecimento do campo: quais são as posições defendidas, quais atores se inscrevem em quais posturas) e internos (qualidade da escrita, da informação trazida, da argumentação...) que permitem ao leitor hierarquizar essas produções textuais. Esse saber, esses resultados de pesquisas podem por seu turno ser sedimentados em textos-comentários na rede: páginas de comentários nos sites, mensagens em listas, fóruns... Esses textos-comentários tornam-se então recursos mobilizáveis por outros.

Consideremos os comentários dos sites. Os sites pessoais apresentam em geral uma página de links de sites a ele conexos e cada link é geralmente acompanhado por um comentário (descrição do conteúdo, avaliação...). Alguns serviços de busca exploram esse recurso para melhorar as respostas das máquinas utilizando descrições propostas por outros sites para descrever os sites encontrados²⁰. Do mesmo modo, para as compras, feitas ou não online, os comentários dos outros compradores podem ser mobilizados.

O encadeamento dos comentários e as articulações hipertextuais entre essas produções, em outras palavras, o emaranhado dos documentos, conferem um papel decisivo às trocas interpessoais para orientar-se nesses espaços, qualificar e compreender os documentos. O suporte não permite facilmente diferenciar o estatuto dos textos (no máximo permite aos sites identificar se se trata de um site pessoal, oficial, de vendas, e aos fóruns conhecer o nome ou o

²⁰ AMITAY, PARIS, 2001.

pseudônimo da pessoa que escreve): isso torna necessário um trabalho de leitura, de análise e de avaliação dos documentos. Esse trabalho pode tornar-se público, compartilhado. Vê-se então como as trocas interpessoais de saberes críticos constroem o valor dos sites e dos turnos de fala, no curso de seu processo, mas, também, de uma maneira atemporal, graças às iniciativas de sedimentação e de memorização das trocas e dos sites. Dois exemplos nos ajudarão. Num fórum de assistência técnica, mostramos²¹ como pouco a pouco o site de um dos frequentadores do fórum tornou-se o site de referência como manual de Internet. Ainda que se encontrasse na época uma grande quantidade de sites tendo o mesmo tipo de vocação, aquele tornou-se a referência: em resposta a muitas questões técnicas, os frequentadores do fórum remetiam ao site em questão.

Mensagem 1:

Haveria uma boa vontade de me dar um caminho a seguir? Mas atenção com todos os detalhes de A a Z. Conto com algum de vocês e agradeço desde já.

Mensagem 2:

Comece, então, navegando por aqui: <http://perso.wanadoo.fr/alpes.speleo/internet/>

Assim, constituem-se as hierarquias entre os sites, que podem ser apreendidas através das taxas de citação, o número de links, que apontam para eles indicadores que são o resultado de um trabalho de sedimentação social de avaliação e de comentários que são mais frequentemente coerentes com o tamanho dos públicos. É nas práticas de sociabilidade situadas, tais como são sedimentadas nos links, que se constituem a posição e o “valor” dos sites.

Estudando um fórum consagrado à lógica da fluidez, C. Rosental²² mostrou como o estatuto ocupado no campo científico pelos interlocutores tornava visível na maneira com que o texto desses especialistas reconhecidos era tratado: as mensagens dos especialistas eram menos decompostas que os outros nos fios argumentativos sem fim e suas contribuições eram muito mais citadas que as outras. O autor mostra como um fórum eletrônico autoriza efetivamente uma tomada de palavra mais ampla, inclusive da parte dos autores secundários do domínio, mas que o fórum tende a confirmar a posição e não redistribui os créditos acordados a cada um: se a tomada de palavras é facilitada pelos espaços numéricos, “as possibilidades de ser ouvido não muda²³”. A observação sobre um longo período mostra de fato que o fórum tende a confirmar as posições de cada um.

Com a internet há certamente uma confusão crescente entre leitura e escrita, em particular porque o acesso à escrita é menos controlado, mas as hierarquias se reconstituem,

²¹ BEAUDOUIN, VELKOVSKA, 1999.

²² ROSENTAL, 2000.

²³ *Idem.*

construídas e veiculadas pelos coletivos que gravitam em torno dos sites. O papel desempenhado pelas trocas interpessoais parece mesmo aumentar ao longo do tempo. Para o corpus de um milhão de internautas seguido em 2000, mostramos que a utilização dos recursos anônimos para se orientar na tela diminuía: os buscadores são cada vez menos utilizados ao longo dos meses. As entrevistas mostram inversamente que os internautas confiam cada vez mais em sua rede de amigos ou de pares (participantes de um fórum, inscritos em uma lista de discussão...) para se orientar na internet²⁴. Progressivamente, os criadores de sites veem seus engajamentos na movimentação dos sites se deslocar: consagram relativamente menos tempo à elaboração de conteúdos pessoais enquanto a movimentação de suas redes de correspondentes lhes toma cada vez mais tempo²⁵. O papel desses coletivos no acesso ao conhecimento parece então fundamental.

Tempo da escrita, tempo da leitura

A relação entre escrita e leitura é o fator que melhor permite diferenciar as escritas na rede. Aprende-se em termos de duração e ritmo.

Tradicionalmente, no domínio da escrita, a relação entre escrita e leitura foi sempre assimétrica: a escrita necessita de um tempo de composição e de elaboração muito maior que o tempo da leitura; as competências na leitura são mais amplamente extensas que as competências na escrita; há muito mais leitores que autores... Assim, Jean Hébrard²⁶ mostra que no século XIX a prática de delegação da escrita era frequente mesmo entre os que sabiam ler, pois, com respeito a um modelo, restrições do gênero estavam longe de serem evidentes. Inversamente, na conversação ordinária, há uma forma de equilíbrio na duração dos turnos de fala, e a identificação dos pares adjacentes²⁷ como forma primária da conversação em análise de conversação mostra bem que a simetria dos papéis é um dado primordial. Entre a escrita e o oral, as relações entre produção e recepção são muito diferentes em termo de duração. Na troca oral, compreende-se, enquanto o outro fala. Na troca escrita, ao contrário, lê-se mais rapidamente do que se escreve.

Na rede, encontram-se, de um lado, os documentos elaborados e sabiamente compostos, e de outro, os textos redigidos na urgência que impõe a manutenção do ritmo da conversação.

²⁴ Ver Voir ASSADI, BEAUDOUIN neste número.

²⁵ Ver LICOPPE, BEAUDOUIN neste número.

²⁶ Ver CHARTIER, 1991, p. 279-372.

²⁷ Um par adjacente é uma sequência de dois enunciados pronunciados por dois locutores, como uma sequência de pergunta e resposta. Esses enunciados constituem um par na medida em que o primeiro “chama” o segundo definindo o formato esperado.

No website ao chat passando pelo correio eletrônico, passa-se de uma situação de assimetria máxima entre escrita e leitura a uma situação de equilíbrio, em que leitura e escrita se encadeiam no mesmo ritmo. Projetada no espaço da escrita, a conversação mantém essa simetria entre os turnos de fala, mesmo que o tempo de escrita torne menos fluida a passagem de um turno de fala a outro.

Para os websites, a elaboração do conteúdo e da forma do site se faz em grande parte fora do contato com o público. As páginas colocadas online já alcançaram um certo grau de elaboração, mesmo que elas sejam claramente menos avançadas do que seria o produto de um trabalho de edição. Lá, o trabalho de composição, de escrita e de formatação é incomensurável com relação à maneira com que os sites são visitados ou lidos. Enquanto a elaboração é longa e complexa (tanto a escrita quanto a formatação da página), a consulta se reduz frequentemente a um rápido sobrevoo. Assim, mostramos que em média um décimo de páginas de um site era visualizado. Nos fóruns, os participantes insistem no tempo que necessita a composição de uma mensagem para que seja pertinente com relação ao assunto, conciso, bem redigido²⁸:

Eu disse a mim mesmo: não devia dizer besteiras no fórum porque eu sabia que de toda forma eu seria lido e relido e que isso iria perdurar. É verdade que eu levei tempo para ver como estruturar uma mensagem. Pois é certo que depois seria comentada. Eu penso que... porque... e tchan, tchan, tchan! Então talvez daí me veio minha maneira de contribuir de modo estruturado às questões sensíveis sobre as quais se debate.

Nos fóruns, domina o sentimento de que para ser “entendido” a qualidade da expressão desempenha um papel importante. Os participantes sublinham também que se corre risco importante na publicação de uma mensagem nesses espaços, já que a mensagem se torna legível para todos, por uma duração bastante longa:

Talvez há também a apreensão de colocar uma primeira mensagem ali nessa plataforma dizendo: eu vou fazer uma besteira. Há muitas pessoas que são refratárias a colocar coisas nos fóruns sabendo que isso vai ser lido por várias pessoas de uma só vez. Eles se dizem assim: se eu coloco alguma coisa que não é legal, eu vou receber vários insultos.

Inversamente, os participantes insistem sobre todos os artefatos que facilitam a leitura: organização das mensagens por fios de discussão, presença de uma sinopse para cada mensagem que indica o nome do autor e do assunto da mensagem... o que permite selecionar as mensagens a serem lidas, recorrendo à referência ou a uma rápida varredura das primeiras linhas:

Eu leio primeiro a sinopse. Se o assunto me interessar, eu leio a mensagem. Se o assunto não me interessar, eu ignoro o fio da discussão.

²⁸ Os fragmentos das entrevistas são tirados de um estudo sobre os fóruns de internos da France Télécom. BARTHEL *et al.*, 1999.

Se a escrita das mensagens parece complexa e as barreiras na entrada sensíveis, em contrapartida todos os participantes indicam que eles leem mais mensagens do que escrevem e observa-se o mesmo fenômeno para a mensagem eletrônica em que o número de mensagens recebidas é sempre maior que o número de mensagens escritas.

Nos sistemas sem copresença, escrita e leitura são perfeitamente não correspondentes. Para os sites e em uma menor medida os fóruns e o correio eletrônico, a relação autor/leitor conserva seu caráter fortemente assimétrico. O custo da escrita continua sendo alto²⁹ enquanto que o da leitura fica consideravelmente mais leve graças à possibilidade de acessar diretamente a página pertinente. Os textos eletrônicos são rapidamente navegados, frequentemente os primeiros parágrafos definem o tipo de leitura do texto, a leitura é mais orientada por objetivos utilitários.

Em contrapartida, nos espaços de conversação em tempo real, os tempos da escrita e da leitura se inscrevem em temporalidades muito próximas. A escrita sucede imediatamente à leitura. Nos sistemas de mensagem instantânea, a possibilidade dada pelo dispositivo técnico de mostrar o processo de escrita em seu desenvolvimento (a tela mostra um a um os caracteres exibidos, os retornos...) aproxima muito sensivelmente os dispositivos da conversação ordinária, em que a escuta se ajusta à oralização. Enquanto que um fala, o outro escuta, enquanto que um escreve o outro lê. Como em situação face a face, a ausência de resposta a um enunciado direcionado suscita um lembrete quase imediato. Na falta de presença dos corpos, a questão da interação diz respeito à copresença temporal, que deve ser sempre confirmada³⁰.

Isso nos leva a examinar o outro traço que distingue os tipos de escrita na tela: o ritmo da troca. Entre produção, recepção e reação, as diferenças são muito variáveis a depender dos suportes utilizados. Nas trocas em “tempo real” como nos chats ou nas mensagens instantâneas, próximas da conversação oral, escrita e leitura se entrelaçam em uma grande proximidade temporal³¹. Como em uma improvisação teatral, é necessário se inscrever na temporalidade do evento coletivo que se constrói. A aproximação com o teatro é tanto mais pertinente quanto o texto que se dá a ler nos chats, lembrando as versões impressas dos textos de teatro: há os textos dos diálogos e as instruções, as quais indicam quem toma a fala, que descrevem as entradas e

²⁹ É verdade que as práticas de escrita são consideravelmente mais simples graças aos recursos que a rede oferece. Cópia, citação, nota ganham um lugar crescente na elaboração dos textos e essa proliferação de intertextualidade abre-se para uma redefinição da noção de autor. Ver LICOPPE, BEAUDOUIN neste número.

³⁰ Ver VELKOVSKA, 2002.

³¹ Referimo-nos a H. BAYS, 2001, quem destacou a importância do ritmo nas interações nos chats.

saídas de personagens e os gestos³². Assim, nos chats, vê-se indicar as linhas de mensagens precedidas pelo nome da pessoa que as escreve, mas também linhas que indicam as entradas e saídas de personagens (incluindo ali os figurantes, presentes que não falam), linhas “de ação” em que um personagem se coloca em cena fazendo uma ação (“babyZ bate em seu irmão dcomdus (trata powen como cabeça dura”) ou um aparte (“* wen diz que ela vai embora porque o clima está muito pesado mais aqui”). Todos esses elementos paratextuais que enquadram as mensagens são como meios de reintroduzir traços do corpo na interação, posto que mimetizam os movimentos, os gestos, as ações. Todas essas linhas rolam na tela. Para que o chat funcione, é necessário ficar numa velocidade de rolagem de tela razoável, nem muito lenta (o chat dorme), nem muito rápida (torna-se impossível seguir a troca mínima). Essa restrição rítmica explica indubitavelmente que, nos chats diferentes que “funcionam”, o número de intervenções por dia seja aproximadamente equivalente.

A lacuna entre leitura e escrita é muito mais variável no correio eletrônico e nos fóruns, onde uma mensagem pode ter uma resposta a qualquer hora, dias ou semanas mais tarde, embora a lacuna não passe em geral de dez dias. Assim, M. Akrich, C. Méadel e V. Paravel³³ mostraram que o correio eletrônico sugeria os modos de gestão diferenciados das temporalidades, pois também permite um quase-diálogo a uma distância significativa do interlocutor (“O correio eletrônico parece então poder se adaptar às flutuações dos ritmos de trabalho, às vezes, com essa necessidade de estar em uma grande proximidade temporal (quase-diálogo em alguns momentos do dia) e, às vezes, fases de concentração e de recuo em que a troca de mensagem é interrompida”). Na web, a leitura não se inscreve nas restrições de temporalidades tão estreitas, ela está mais na ordem do mês ou do ano (após um ano, muitos dos sites desapareceram, foram realocados...). Quanto mais o público visado é vasto, maior é o tempo de elaboração do texto e a produção não correspondente de sua recepção.

A elasticidade entre produção, recepção e reação depende fortemente da focalização da interação. Se, para a web, a interação é relativamente difusa, para empregar o termo proposto por Fornel³⁴ (os designers visam um público amplo que tem um interesse no assunto do site), contrariamente, na mensagem instantânea e em certas trocas nos chats, ela é bem focalizada. Nos fóruns e correios eletrônicos, pode-se supor sem grande risco que quanto mais a mensagem

³² MOURLHON-DALLIES, COLIN, 1999 utilizaram a metáfora do texto de teatro para designar os comentários metadiscursivos do autor sobre seu texto e para designar as frases que introduzem a retomada de mensagens eletrônicas. Parece-nos que o termo instruções se aplica melhor ainda às conversações em tempo real nos chats.

³³ AKRICH *et al.*, 2000.

³⁴ FORNEL, 1989.

marca claramente o endereçamento (interpelando, citando...) mais o “dever” de responder é sensível.

Na análise da conversação, a unidade minimal de significação dos turnos de fala é o par adjacente, constituído por uma sequência ordenada de dois turnos de fala apoiados em dois locutores distintos. Nas interações em temporalidades diferentes, esse modelo ainda prevalece, já que toda escrita aguarda em retorno uma reação. Nas interações ditas síncronas como as mensagens instantâneas e os chats, os participantes estão em situação de copresença temporal, a despeito de estarem em copresença espacial. Nas interações ditas assíncronas, os participantes não estão nem presentes no mesmo momento nem no mesmo lugar: pode-se, no entanto, colocar que existe uma forma de copresença em tela, já que cada um se coloca presente ao outro por meio de suas inscrições na tela. Os princípios da análise conversacional podem se aplicar em situações de comunicação em temporalidades diferentes: o par é sempre a unidade minimal que rege os turnos de escrita e os locutores se orientam sobre a tela buscando reconstruir os componentes dos pares.

As distâncias que se operam entre escrita e leitura, de uma parte, entre leitura e comentário-reação, de outra parte, marcam a importância dada à elaboração dos textos. Marcar sua presença, em resposta à leitura, ou mostrar seu interesse pelos conteúdos, o que implica mais frequentemente atrasar a resposta, é o dilema ao qual os usuários são confrontados. Manter a copresença com o outro atrás da tela ou trabalhar na interpretação e no comentário dos textos?

Conteúdo ou relação? Da troca de conteúdos à confirmação do vínculo

Em *Aurélien d’Aragon*, o narrador descreve longamente a segunda noite no curso da qual o herói encontra pela segunda vez Bérénice. A cena começa por vagas saudações e apresentações que não permitem identificar claramente os convidados. Em seguida, grupos se constituem de duas a três pessoas que discutem assuntos mais ou menos íntimos. Os grupos de conversação supervisionam uns aos outros e essa atenção periférica lançada aos outros permite transformações na configuração dos grupos conversacionais. De vez em quando, a atenção geral é focalizada em um personagem: a dona da casa que reclama, o jovem poeta que recita versos... Ao longo da noite, observam-se oscilações entre situações que mobilizam todo o grupo e situações mais privadas, reservadas a grupos de menor tamanho. Isso é banal nas situações públicas face a face, cuidadosamente analisadas por Goffman, mas encontra-se nos contextos digitais. M. de Fornel assim demonstrou a propósito das trocas digitais como esta: “pode ser caracterizada como um dispositivo interacional que permite a emergência de interações

focalizadas em meio a um espaço de interação difuso³⁵ (não focalizado)”. Na rede, encontra-se o mesmo tipo de oscilação público-privado tanto nos espaços públicos em copresença temporal (chat, mensagens instantâneas) quanto nos espaços onde a copresença não é nem espacial, nem temporal, mas reduzida a uma copresença em tela. Designamos como copresença em tela o fato de partilhar um mesmo contexto, uma mesma situação definida por um conjunto de textos disponíveis na tela. Esses textos não são lidos no mesmo momento, nem do mesmo lugar, mas constituem um recurso partilhado. Deve-se enfatizar de antemão que os dispositivos técnicos facilitam as mudanças e a negociação dessas transições do público ao privado, do direto ao indireto e inversamente. O que distingue os espaços em copresença temporal e em copresença em tela são os recursos mobilizados pelos participantes para passar do público ao privado.

No primeiro caso, espaços em copresença temporal, a mudança do espaço público às “salas” privadas se faz frequentemente sobre a simples base dos pseudônimos. Cada usuário vê a lista dos “apelidos” conectados no chat e pode escolher relacionar-se com tal ou qual. 80% dos conectados não falam no espaço público³⁶, o que não os impede de serem solicitados ou engajados em trocas privadas. Os recursos mobilizados para iniciar a conversação são extremamente fracos, uma vez que podem reduzir-se ao nome escolhido pela pessoa conectada para tornar-se visível às outras. Isso justifica que sejam empregados códigos de abertura para interações no modo ISC (idade, sexo, cidade), que se encontrava já no Minitel³⁷. Para entrar em relação com participantes “ativos” (que escrevem mensagens) no espaço público do chat, os recursos são mais numerosos: forma de suas intervenções, tipos de comportamento. Nesses espaços, “a relação tem precedência sobre o conteúdo”³⁸: criar vínculos, estabelecer novos relacionamentos, conhecer pessoas são as principais motivações da atividade.

Por outro lado, nos fóruns ou listas de discussão, os motivos da mudança em direção ao privado são de outra natureza: dar uma avaliação sobre uma mensagem, um documento publicado, exprimir uma demanda particular, fornecer um complemento de informação. A mudança para uma troca privada é frequentemente justificada em nome do interesse geral: o comentário, o pedido não seriam suscetíveis de interessar a todo mundo. Na prática, a mudança para a troca privada está também relacionada ao medo de publicar uma mensagem que poderia parecer deslocada, trivial... Os criadores de sites reclamam que seus visitantes se dirigem diretamente a eles em vez de postar uma mensagem no fórum, o que permitiria a todos se

³⁵FORNEL, 1989, p. 33.

³⁶Ver VELKOVSKA, no prelo.

³⁷VELKOVSKA, 2002 e FORNEL, 1989.

³⁸LAHLOU, 2001.

beneficiarem da resposta. O motivo da troca é mais pelo conteúdo do que pelo relacionamento, mesmo se o objetivo final é o relacionamento. Além disso, os participantes relatam que, antes de entrar em relação, aprofundam a representação do outro através das mensagens que este posta, através de seu site quando ele tem um, sua rede de relacionamentos... Os recursos mobilizados para construir uma imagem do outro e entrar em contato (esses mesmos recursos servem para iniciar a troca) se apoiam nos conteúdos. Enfim, sublinhamos que a passagem do espaço público à interação privada se faz mais frequentemente por relações assimétricas, nas quais o emissor, desconhecido no espaço público, se dirige a personalidades reconhecidas, que intervêm regularmente. O fórum pouco favorece os encontros entre participantes silenciosos, pois nenhum dispositivo dá visibilidade ao público invisível.

A distância entre leitura e escrita, e a maior ou menor dissociação entre as duas, engendra tipos de troca de natureza distinta: nos espaços em copresença temporal, a relação prima pelo conteúdo, contrariamente às situações em que a copresença se reduz ao compartilhamento da tela. Esses tipos de interação têm efeitos sobre os tipos de escrita: do lado das trocas por e-mail, uma atenção forte é colocada na qualidade do conteúdo partilhado (o que não impede que o e-mail seja considerado menos formal que a carta) enquanto que, em copresença temporal, as trocas visam antes a validar as ligações e são bem menos formais. Não é surpreendente, portanto, que encontremos diferenciações sociais fortes na escolha das modalidades de interação e sua combinação.

De modo geral, quaisquer que sejam os instrumentos utilizados e combinados, o objetivo é o estabelecimento de mundos sociais organizados nos quais se distribuem papéis e status que se elaboram principalmente através das produções textuais. A organização e a hierarquização dos textos seguem de mãos dadas com as das pessoas. A maneira com que se organizam esses espaços varia segundo os modos de escrita privilegiados: o conteúdo poderá ser um recurso em certos espaços, enquanto que, em outros, é a presença que será central. Em outras palavras, retomando as funções da linguagem propostas por Jakobson³⁹, em um momento prevalece a função referencial, a que remete a objetos do mundo, em outro a função fática, a que visa assegurar a presença do outro. Obviamente as qualidades esperadas nesses diferentes espaços não são as mesmas e a aquisição de um estatuto elevado não se apoia sobre os próprios recursos.

CONCLUSÃO

39 JAKOBSON, 1960.

As potencialidades de internet em termos de práticas são inúmeras, da leitura do documento à conversação em tempo real, passando pela compra online. As formas de enunciação são elas mesmas muito variáveis, pois a rede é ao mesmo tempo uma mídia de massa e um instrumento de comunicação interpessoal: o locutor visado é ora um público pouco diferenciado, o “grande público”, como nos portais, ora um público de frequentadores habituais como os participantes de um fórum ou os assinantes de uma lista de discussão, ora um destinatário único perfeitamente identificado. O ponto comum nessa diversidade é o lugar central que ali ocupam a escrita e a leitura digitais. Vimos que essa escrita tendia a reduzir a assimetria fundamental entre autor e leitor. Essa redução da assimetria se inscreve na evolução geral das mídias de massa que dão cada vez mais lugar a seus leitores e ouvintes⁴⁰. O lugar central da escrita na internet tem um segundo efeito: ela tende a reduzir as fronteiras na cadeia da produção e recepção das obras e na das trocas interpessoais. Assim, estabelece-se um *continuum* entre a leitura de documentos – que podem ou poderiam pretender o estatuto de obras – e o das mensagens trocadas pelo e-mail ou nos chats. Com efeito, porque todas as atividades passam pela escrita, da produção de documentos acadêmicos à conversação ordinária, encontram-se na rede todas as formas de relação entre leitura e escrita.

Vemos assim como a escrita digital vem redefinir as fronteiras entre o oral e a escrita. Tradicionalmente, o oral é concebido como sendo sem memória, não reproduzibilidade idêntica, enquanto a escrita é o lugar da permanência. A escrita digital se situa entre esses dois, entre o oral evanescente e o texto gravado em mármore, pois justapõe textos que tradicionalmente se destinavam à escrita a textos que não tinham vocação para serem escritos, transmitidos. Num mesmo site, os documentos são vizinhos dos comentários que os visitantes fazem no site. Nas práticas, a consulta de documentos e as interações digitais podem ser intimamente ligadas a essa articulação e facilitadas pelas relações que oferecem os dispositivos técnicos. Isso põe em questão a perenidade e a conservação dessas escritas. Deve-se guardar cópia de todos os textos que circulam? Como recortar dessa massa de escritos o que seria “digno” de ser transmitido e conservado, ainda que o entrelaçamento entre essas formas de escrita seja consubstancial aos usos dessa mídia? Como garantir que os documentos sobrevivam ao engajamento de seus autores? Pode-se confiar nas máquinas para guardar a memória?

Demonstramos que a maneira de se aproveitar e combinar essas diferentes modalidades de escrita era muito variável e que ela recobriria determinantes sociais bem clássicos. Encontrase, portanto, face a um dispositivo técnico original, programador de ferramentas, que oferece a

40 CARDON; HEURTIN, 1999.

cada um potencialidades de escrita. A Web e as ferramentas de comunicação interpessoal são de fato nos seus princípios técnicos concebidos em uma perspectiva “igualitária”, pois a tomada de turno (publicar um site, intervir em um espaço público, enviar uma mensagem) não é restringida pelo dispositivo técnico. A Internet oferece de repente, assim, possibilidades de “visibilidade”, em particular para os indivíduos, na medida em que a escrita, dotada de memória – pode ser arquivada, indexada, reencontrada –, permite uma difusão espacial e temporal que não autoriza o oral, que inscreve sempre uma dependência entre aquele que diz e aquele que recebe. Em uma “sociedade de autores”, para retomar o termo proposto por Stiegler⁴¹, a questão se torna então a captação da audiência. Se é fácil escrever, é difícil ser ouvido num espaço digital. A questão se torna então ser referenciada por fontes anônimas como os buscadores ou os anuários e pela rede de pares. Alcançar o estatuto de autor é ser citado na rede. É lá que se encontram os traços do modelo de origem da Internet, fortemente marcada pelo funcionamento do mundo da pesquisa⁴². Nessas sociedades de autores, a circulação dos comentários, que passa pelas trocas interpessoais, pelas rubricas dos links para os sites ou pelas páginas de comentários, permite orientar-se no meio do conjunto das produções. A rede é uma fábrica para glosas. Ao mesmo tempo em que organiza os textos, as trocas contribuem para a construção dos papéis e status dos indivíduos.

As modalidades de construção de status e papéis variam grandemente em função das características sociotécnicas das ferramentas mobilizadas. Se cada um dos espaços visa a estabelecer hierarquias e diferenciações de papéis, os traços que, por exemplo, permitem alcançar posições dominantes são de natureza diferente. No espaço dos sites, o julgamento focará antes no conteúdo, no design e na atualização do site; nos fóruns ou listas de discussão na potência retórica e nos chats na capacidade de estar presente e marcar essa presença. Compreendemos assim como se diferenciam os usos dessas formas de escrita e como as próprias escritas adotam formas adaptadas aos lugares nas quais se inscrevem.

Referências

AKRICH, M.; MÉADEL, C.; PARAVEL V. Le temps du mail : écrit instantané ou oral médiat. *Sociologie et sociétés*, v. XXXII, n. 2, 2000.

41 STIEGLER, 1998.

42 Para FLICHY, 2001, o modelo imaginado de internet, que fundamenta seu desenvolvimento, é o resultado do encontro entre “a república dos cientistas da computação” e a comunidade dos hackers.

- AMITAY, E.; PARIS, C. Automatically Summarising Web Sites – Is There A Way Around It. 2000.
- BARTHEL, T.; BEAUDOUIN, V.; COLLIN, O.; FLEURY, S.; VIÉ, C. *Les forums publics sur Intranoo (en 1999)*. Paris: CNET. RP/FTR&D/6861, 159, 2000.
- BAYS, H. Temporality in IRC: The Rythm of Visual-Verbal Discourse. *Coopération, Innovation et Technologies*, Troyes, p. 205-230, 2000.
- BEAUDOUIN, V.; VELKOVSKA, J. Constitution d'un espace de communication sur internet (Forums, pages personnelles, courrier électronique...). *Réseaux*, v. 17, n. 97, p. 121-177, 1999.
- CARDON, D. ; HEURTIN, J. P. La critique en régime d'impuissance. Une lecture des indignations des auditeurs de France-Inter. In: FRANÇOIS, B. ; NEVEU, E. (Orgs.). *Espaces publics mosaïques. Transformations de l'espace public*. Rennes: PUR, 1999.
- CHARTIER, R. *La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1999.
- CHARTIER, R. Du codex à l'écran : les trajectoires de l'écrit. In: *Pour une nouvelle conomie du savoir*. Solaris, n° 1, Presses Universitaires de Rennes, 1994, p. 41-47, 2000.
- DIMAGGIO, P.; HARGITTAI, E.; RUSSELL, N. W.; ROBINSON, J. P. Social Implications of the Internet. *Annual Review of Sociology*, v. 27, p. 307-336, 2001.
- FLICHY, P. *L'imaginaire de l'internet*. Paris: La Découverte, 2001.
- FORNEL, M. Une situation interactionnelle négligée: la messagerie télématique. *Réseaux*, v. 38, p. 31-48, 1989.
- GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne*. 1. La présentation de soi. 2. Les relations en public. Paris: Les éditions de Minuit, 1973.
- GOODY, J. La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage, Les éditions de Minuit. JAKOBSON R. (1960, 1963), « Poétique ». In: *Essais de linguistique générale*. Paris: Les éditions de Minuit, p. 207-248 [Trad. Nicolas Ruwet], 1979.
- LAHLOU, S. La relation prime le contenu. In: BUCHINI, F.; KALAMPALIKIS, N. *Penser la vie, le social, la nature*. Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici. Paris : Editions de la MSH, p. 495-504, 2001.
- LATZKO-TOTH, G. L'Internet Relay Chat: un dispositif sociotechnique riche d'enseignements. *XIIIe congrès de la SFSIC*, Paris, 2001.
- LEJEUNE, P. « *Cher écran* », journal personnel, ordinateur, internet. Le Seuil, 444 p., 2000.
- LELONG, B.; THOMAS, F. L'apprentissage de l'internaute: socialisation et autonomisation. *CIUST'01* (Colloque International sur les Usages et les Services des Télécommunications - e-Usages). Paris, ENST, p. 74-85, 2001.
- LICOPPE, C. Sociabilité et technologies de communication: deux modalités d'entretien des liens interpersonnels dans le contexte du déploiement des dispositifs de communication mobiles. *Réseaux*, v. 20, n. 112-113, 2002.

MONDADA, L. Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion. Une approche conversationnelle de l'interaction sur internet. *ALSIC revue online* (Apprentissage des Langues et Systèmes d'Information et de Communication) (<http://alsic.univ-fcomte.fr>), v. 2, n. 1, p. 3-25, 1999.

MOURLHON-DALLIES, F.; COLIN, J.-Y. Des didascalies sur l'internet ? In: ANIS, J. *Internet, communication et langue française*. Paris: Hermès Science Publications, p. 13-30, 1999.

PASQUIER, D. *Les signes de soi, Enquête sur l'organisation des sociabilités en milieu lycéen*. Rapport de recherche, 2002.

ROSENTAL, C. Les travailleurs de la preuve sur internet. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 134, p. 37-44, 2000.

SOUCHIER, E. L'écrit d'écran, pratiques d'écriture & informatique. *Communication et langages*, n. 107, p. 106-119, 1996.

SOUCHIER, E. *Rapport de pouvoir et poétique de l'écrit à l'écran à propos des moteurs de recherche sur Internet*. Méditations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication. Université de Metz, SFIC, 1998.

SOUCHIER, E. De la lecture à l'écran. Vers une lecture sans mémoire? Texte. *Revue de critique et de théorie littéraire*, n. 25-26, p. 47-68, 1999.

STIEGLER, B. Situations technologiques de l'autorité cognitive à l'ère de la désorientation. *Les conférences du séminaire « Technologies Cognitives et Environnements de Travail »*, 1998.

VELKOVSKA, J. L'intimité anonyme dans les conversations électroniques sur les webchats. *Sociologie du Travail*, n. 2, 2002.

VELKOVSKA, J. *Les formes de la sociabilité électronique: tisser un lien social à distance*. Thèse de doctorat EHESS (no prelo).

VIÉ, C. *La citation dans les forums électroniques: un procédé de coconstruction de l'argumentation*. Paris: DEA Sciences du Langage, EHESS, 2000.

*Recebido em 16 de novembro de 2023
Aceito em 18 de dezembro de 2023*